

SABRINA FERNANDES MELO
(ORGANIZADORA)

**CRÍTICA DE ARTE
E PROCESSOS DE CRIAÇÃO
EM/SOBRE ARTES VISUAIS**

Volume I

SABRINA FERNANDES MELO
(ORGANIZADORA)

**CRÍTICA DE ARTE E
PROCESSOS DE CRIAÇÃO
EM/SOBRE ARTES VISUAIS**
Volume I



EDITORA
SCHREIBEN

2021

© Dos organizadores - 2021
Editoração e capa: Schreiben
Imagem da capa: organizadores
Revisão: os autores

Conselho Editorial (Editora Schreiben):

Dr. Adelar Heinsfeld (UPF)
Dr. Airton Spies (EPAGRI)
Dra. Ana Carolina Martins da Silva (UERGS)
Dr. Douglas Orestes Franzen (UCEFF)
Dr. Eduardo Ramón Palermo López (MPR - Uruguai)
Dr. Enio Luiz Spaniol (UDESC)
Dr. Glen Goodman (Arizona State University)
Dr. Guido Lenz (UFRGS)
Dr. João Carlos Tedesco (UPF)
Dr. Leandro Hahn (UNIARP)
Dra. Marciane Kessler (UFPeI)
Dra. Natércia de Andrade Lopes Neta (UNEAL)
Dr. Nestor Francisco Rambo (SED-SC)
Dr. Odair Neitzel (UFFS)
Dr. Wanilton Dudek (UNIUV)

A exatidão das informações, opiniões e conceitos emitidos, referências e citações, bem como das imagens, tabelas, quadros e figuras, é de exclusiva responsabilidade do(s) autor(es).

Editora Schreiben
Linha Cordilheira - SC-163
89896-000 Itapiranga/SC
Tel: (49) 3678 7254
editoraschreiben@gmail.com
www.editoraschreiben.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C934 Crítica de arte e processos de criação em/sobre artes visuais: volume I. /
Organizadora: Sabrina Fernandes Melo. – Itapiranga : Schreiben, 2021.
52 p. ; e-book
E-book no formato PDF.

EISBN: 978-65-89963-19-6
DOI: 10.29327/544896

1. Artes – estudo e ensino. 2. Crítica de arte. 3. Artistas – estudantes de arte. 4. Covid-19 – pandemia. I. Título. II. Melo, Sabrina Fernandes.
CDU 7.06

Bibliotecária responsável Kátia Rosi Possobon CRB10/1782

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	5
AUTORRETRATO COMO DESCOBERTA DE SI NO DESENHO DIGITAL	8
<i>Ana Cláudia Araújo</i>	
SUFOCAÇÃO	12
<i>Caio Menezes de Oliveira</i>	
DESABROCHAR	16
<i>Carolina Fogaça de Araújo Chitolina</i>	
O “CIBERSURTO” E AS “CIBERRECICLAGENS” DE TREXY DIABA	19
<i>Erynunes Santos</i>	
O ÂMAGO DE UMA ARTISTA	23
<i>Kamyla Aires de Araújo Lima Siqueira</i>	
A MEMÓRIA DOS DETALHES	27
<i>Kryсна Marques Brígido Melo</i>	
NUM-SE-PODE.....	31
<i>Livya Ramalho</i>	
PROFUNDIDADE ÚNICA.....	34
<i>Luana Pontes da Silva</i>	
AZUL É A COR MAIS TRISTE	37
<i>Rayanna Cecilia Torres de Moura</i>	

CRIAÇÃO	40
<i>Ritiele Silva de Matos</i>	
RETRATO DE UMA VÊNUS	42
<i>Jefferson Ruântoni Farias Alencar</i>	
COMO A TERRA FOI DEVORADA.....	45
<i>Thierry de Lima</i>	
SOBRE OS AUTORES.....	47

APRESENTAÇÃO

CRÍTICA DE ARTE E PROCESSOS DE CRIAÇÃO EM/SOBRE ARTES VISUAIS VOLUME I

O livro surgiu a partir da disciplina *Crítica de Arte I*, oferecida durante o semestre de 2021.1 para discentes do curso de Artes Visuais da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Devido a Pandemia do Covid 19 e a consequente paralisação das atividades presenciais, a disciplina foi oferecida de maneira remota. Em meio às angústias, perdas e desassossegos provocados pela Pandemia, produzir, pensar e escrever sobre arte para/em um mundo em crise é um ponto de inflexão, de resistência, de pensar novos e outros lugares possíveis para a arte, para a crítica, para a produção poética e sua capacidade de afetar, desterritorializar e mover lugares e fronteiras cristalizadas.

O projeto deste livro remonta ao ano de 2019, a um mundo pré-pandemia. Naquele período, foi realizado o *Projeto de Ensino Leituras Críticas e Estéticas das Imagens e da Arte*, financiado pelo Edital – Edital PRG/CEM nº 37/2019 - UFPB. A proposta, que ganhou continuidade durante o semestre de 2021.1, pautou-se em discussões teóricas e metodológicas no decorrer das aulas na tentativa de perceber a arte contemporânea como uma conjunção de objetos e linguagens híbridas diante de um novo cenário epistemológico do campo da Teoria, da Crítica e da História da Arte.

Essa nova conjuntura possibilita novas metodologias de leitura de imagens e oferece à atividade crítica um caráter cada vez mais abrangente e necessário. A leitura da obra é tarefa para o pensar. Dentre as inúmeras vertentes da escrita crítica e leitura de imagens como a formalista, iconográfica, sociológica, fenomenológica e filosófica, há que se atentar para

a poética, para o percurso das leituras, para o processo de pensamento.

Buscando conectar as questões teóricas, formais e criativas ao processo crítico, os discentes foram convidados (as) a compartilharem suas produções e escreverem críticas sobre as obras dos colegas. Nessa experiência, foi possível a troca de processos criativos por meio de entrevistas e partilhas que ultrapassam o meio obra-público. Conheceu-se mais sobre os sentimentos e angústias enfrentados pelos artistas durante o período de isolamento social iniciado com a Pandemia do Covid 19 que permeia grande parte das produções¹.

A partir das produções visuais e críticas elaboradas pelos/as estudantes/artistas participantes do componente curricular que fomenta este livro é possível perceber a potência da crítica, das imagens, da arte e do ato de partilha, escuta e proximidade como bases importantes para a crítica de arte que busca não apenas escrever *sobre* arte, mas escrever *com* a arte.

Sabrina Melo

Setembro de 2021

João Pessoa, Paraíba, Brasil.

¹ A partir das relações temáticas entre as obras, parte das produções visuais presentes nesta coletânea se desdobraram na exposição virtual coletiva PESO, com curadoria de Ana Cláudia, Caio Menezes, Thierry de Lima, A exposição foi realizada na Galeria de Arte Lavandeira entre 20 de agosto a 20 de setembro de 2021. <http://www.ccae.ufpb.br/galeria>. Acesso em 06/09/2021.



KAMYL AIRE S. Enfeite
Desenho digital 20cm x 30cm | 2020

AUTORRETRATO COMO DESCOBERTA DE SI NO DESENHO DIGITAL

Ana Cláudia Araújo

Diante da história das mulheres nas Artes Visuais, sabe-se que a hegemonia constante da visão masculina na representação feminina teceu uma historiografia excludente e objetificada em relação às mulheres. Sendo a arte então um meio de resistência e uma das formas de enfrentar esse processo de silenciamento, foi pelos autorretratos, que a materialização do corpo feminino por mãos femininas perde o caráter falocêntrico e ressignifica sua existência na história. Com isso, entende-se a presença das séries de autorretratos, a exemplo das pintoras Catharina van Hemessen, Artemisia Gentileschi e Frida Kahlo.

Dessa forma, essa escrita de si, de dar voz a si mesma, contém um desenrolar de autodescobrimento da própria artista e, conseqüentemente, esses fatores são intensificados a depender do contexto social e pessoal do sujeito. É nessa perspectiva que a artista visual Kamyla Aires despeja toda a sua angústia e questionamentos da particular existência após o fim de um relacionamento abusivo durante o começo da pandemia do Covid-19, em 2020. Trata-se de uma narrativa pessoal muito potente, pois ela se utiliza da arte para externalizar os anseios e efeitos que um relacionamento abusivo causa na mente da vítima.

Em *Enfeite*, desenho digital da artista com subtítulo *Agora você me enxerga?*, visível no seu perfil artístico do Instagram (@kamyla_comk), há um rosto, de característica tristonha com lábios escondidos pela ansiedade que a acometia na época. Seu rosto, coberto em partes pelos seus cabelos encaracolados, ramos de folhas e pequenos cogumelos, está caído no chão junto ao vaso de plantas que antes lhe sustentava. Sem plano de fundo, o olhar do espectador se volta completamente à condição apreensiva do rosto central que o fita, mas ao mesmo tempo aparenta estar perdido. Ao se retratar, a artista nos estimula a tentar entender o porquê dela estar nessa situação de desamparo.

Aires baseia-se na foto do fotógrafo russo Steve Gindler (@cvatik) para guiar seu desenho e interpretar a sua vivência. Por ter sido realizado no digital, a arte tem tamanho aproximado de 20x30 cm, porém teve seu esboço feito no sketchbook. Esse processo é comum para a artista, visto que desfruta da fotografia como meio de inspiração nas suas produções e esboça suas ideias antes de partir para o suporte digital, que lhe interessou a partir do ano de 2020, dado que estava em fase de descoberta e queria fazer algo por si. Ademais, a sua conta artística disponibiliza algumas de suas outras artes, nas quais desvela sua poética em transmitir uma escolha de signos graduais que perpassam sua trajetória como artista quanto ao uso de elementos da natureza, pouco plano de fundo e a representação de si mesma.

À procura de seu crescimento, a artista natural de João Pessoa, nascida em 2001, cursa bacharelado em Artes Visuais pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e tem como principal objetivo explorar os seus sentimentos e demonstrá-los através da arte, além de visar pelo reconhecimento do seu trabalho em exposições futuras, principalmente na cidade que nasceu e reside. Marcada pelo seu traço fino e pelo seu modo singular de exteriorizar aflições em suas produções, em *Enfeite* não seria diferente. Com o auxílio de linhas fluidas, pontos para o efeito de luz e sombra e um olhar fitante, reforça-se toda a questão existencial enfrentada pela artista.

Segundo o dicionário de português, enfeite significa o que pode ser utilizado para enfeitar; ornamento; adorno; adereço. Assim, ao intitular seu trabalho de *Enfeite* emprega significados no sentimento que tinha frente ao seu antigo namorado, pois enfeite aqui, torna-se um acessório sem importância, um objeto e um papel de reserva que está presente, sobretudo, em relacionamentos heteronormativos, nos quais o homem coloca sua parceira em último plano.

Nessa perspectiva, a escolha do autorretrato coloca a artista como dona de sua própria história e vivência que, apesar de na arte estar desamparada, está livre de antigas amarras e salienta a necessidade de se deparar com o abismo para se ter crescimentos, novas plantações. Portanto, é nesse enfeite, nesse objeto, que Aires se questiona e questiona o espectador com um olho que não para de olhar tanto para a sua indagação

pessoal a partir dessa relação danosa, mas também para se autorreconhecer apoiado na mesma.

Referências

ENFEITE. *In*: DICIO, **Dicionário Online de Português**. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/enfeite/>>. Acesso em: 13 jun. 2021.



RITTY. Sem Título

Colagem de bitucas em folha A4 297mm x 210mm | 2020

SUFOCAÇÃO

Caio Menezes de Oliveira

A obra foi produzida pela artista Ritiele Silva a partir da coleta de pontas de cigarros durante três meses. Estas foram descartadas pela sua família e o interesse em guardá-las, surgiu pela forma como cada cigarro produz um resíduo único, seja por marcas de batom ou pela forma com que a ponta foi apagada, nenhuma é igual. A junção em série destes restos veio justamente com a curiosidade de observar os contrastes entre as pontas de cigarro, assim evidenciando suas diferenças.

A Plasticidade

A Obra-objeto é composta de pontas de cigarro sobre folha A4 300g e a colagem foi feita com cola Super Bonder. A composição A criou linhas horizontais e verticais que cruzam toda a superfície, as linhas são tortuosas e passam a impressão que a pilha de cigarros está prestes a cair, tornando a obra instável na sua repetição. As pontas formam vários cilindros, por isto, o relevo é ondulado e colabora com a instabilidade das retas, tornando a extensão da obra dinâmica ao olhar.

O fundo da obra é completamente preto e no conjunto são usadas cores neutras, inerentes ao próprio objeto, como o branco com detalhes variados em azul, vermelho e verde. Ao separar detalhes da obra, é possível notar como as cores interagem entre si de forma variada e como os cigarros são de diferentes marcas, o que se sobressai são grandes manchas azuis no centro da parte superior e do lado esquerdo da parte inferior, porém a cor não tem grande destaque devido ao aspecto envelhecido e sujo das pontas.

Acúmulo

A obra foi produzida a partir de processo de coleta, trazendo a

noção do acúmulo, pois tudo que se coleta e se mantém, consequentemente será acumulado. Como os objetos aqui reunidos são cigarros, este acúmulo traz consigo o desgaste, tanto de objetos que não foram feitos para serem guardados, como as consequências do desgaste da saúde dos usuários. Símbolo conhecido como malefício à saúde, os cigarros trazem a ideia do vício evidenciado pela repetição e pelo ato constante de consumo.

Geralmente os restos de cigarro são descartados individualmente, entretanto, na obra de Ritiele eles foram reunidos e nos remete a deterioração e desgaste, elemento visível ao olhar que agrega em si a própria definição e percepção da passagem do tempo.

Assim como as pontas de cigarros possuem suas especificidades como objetos, se relacionando ao uso individual, pode-se ampliar suas semelhanças junto a outros utensílios de descarte, incorporando seu significado ao uso coletivo. Pois são detritos materiais e lixo como qualquer outro, itens de consumo no mundo contemporâneo.

O vício é também representado no ato cotidiano de descartar os mais variados objetos que se acumulam e deterioram geralmente longe da vista. A obra age como uma lixeira que dimensiona a enorme quantidade de objetos descartados cotidianamente.

Seria interessante acompanhar as soluções pictóricas e constitutivas da obra da artista ao expandir o nível de acúmulo apresentado, assim como é possível explorar novas disposições e maneiras de se realizar este objeto a fim de ressaltar os valores simbólicos de degradação e acúmulo. Um exemplo dessa perspectiva é a obra do artista português João Leonardo, que traz em sua poética com pontas de cigarro elementos do universo do ato de fumar e do descarte ao trabalhar com materiais, como papel para enrolar o cigarro e fumo. Sendo uma amostra de como é possível seguir os conceitos já apresentados para novos caminhos, partindo para maiores elaborações deste acúmulo, como em uma instalação em que foram despejados centenas de cigarros em potes sobre uma mesa, uma das consequências foi o aumento do odor emanado pelos detritos, uma das muitas variáveis desde caminho.

O vício refletido nesta obra não se resume ao cigarro, mas no do consumo ininterrupto sobre o qual estamos todos submetidos

estruturalmente, amontoado esse que sufoca. Julgar um fumante é tarefa simples, interessante é apontar como e de que forma essa deterioração está refletida em nós a cada dia, afinal o cigarro não é o problema em si, mas sim a sociedade doente e em estado de decomposição em que vivemos, o fumo atuando como uma forma de fuga individual em uma sociedade doente.

A obra passa um sentimento incômodo, de forma inicial por escancarar o problema do tabagismo sem rodeios, seja pelos objetos dispostos ou pelo cheiro de cigarro que se sente de imediato. Depois, por nos lembrar como a doença do vício e do acúmulo está em cada um de nós e na forma em que vivemos. Deste modo a obra se mostra bastante rica ao apontar estes questionamentos que possuem potencialidade de gerar vários desdobramentos futuros.



LUANA PONTES. Flor de lótus 荷
Desenho digital 1080px x 763px | 2021

DESABROCHAR

Carolina Fogaça de Araújo Chitolina

Apreciar as obras de Luana Pontes – artista visual nascida na cidade de João Pessoa, capital paraibana, licencianda em artes visuais pela UFPB – nos faz pensar nas suas referências, claramente clássicas, que demonstram a qualidade técnica de desenho que ela possui. A artista tem preferência pela utilização de preto, branco e cinza, algo que podemos ver em diversas de suas obras, fator que, segundo ela, transmitem a mensagem com simplicidade e enfocam mais no desenho. Essas características e referências podem ser facilmente percebidas na obra aqui analisada. “Flor de lótus 荷”, à primeira vista, traz uma sensação de vazio e melancolia, tanto pelo espaço em branco, como pelo sentimento que o olhar da figura feminina proporciona.

Na obra, há um grande espaço em branco que representa a água, uma mulher negra submersa nela, segurando uma Flor de Lótus, nos tons de preto, branco e cinza sendo produzida digitalmente, em um aplicativo de celular chamado *IbisPaintX*. O traço delicado lembra os estilos clássicos, mas também carrega um pouco do sentimentalismo e da idealização da mulher do romantismo. O título da obra faz uso do um kanji japonês, o que demonstra uma influência da cultura japonesa e do mangá na construção do desenho e nos traços da personagem. A pintura teve como referência “*Ophelia*” de Everett Millais, mas visualmente também se assemelha a pintura “*Moça com livro*” de Almeida Júnior, devido a temática da mulher num ambiente tranquilo e o semblante distante. O traço leve e esfumado reforça a sensação de quietude, apesar da figura feminina estar dentro d’água, fixa e imóvel.

A expressão da mulher pode remeter a sentimentos de calma, vazio, serenidade ou tristeza. Ao evocar esses sentimentos, a artista busca representar a calma em feições de uma mulher negra, o que foge dos estereótipos racistas da “mulher negra raivosa”, percebidos em Sapphire,

personagem da comédia *Amos 'n' Andy* (1928) e Sofia de *A cor púrpura* (1985), preconceitos que ainda permeiam o imaginário social e que necessitam de constante problematizações para que sejam combatidos. Em “Flor de lótus 荷”, pensar sobre a influência da arte europeia na padronização da beleza da mulher, contudo da “mulher negra ideal”, que se entende aquela que foi socialmente aceita porque é dotada de características fenotípicas em conformidade aos padrões eurocêtricos, o falado ‘nariz e rosto fino’.

Apesar da artista utilizar apenas cores básicas e um desenho que, aparentemente, é somente figurativo e pragmático, a obra porta diversos significados e abre margem para interpretações e discussões variadas, por carregar consigo múltiplas referências culturais, visuais e por transmitir uma pluralidade de sentimentos.



TREXY DIABA . Sem Título.
Manipulação digital 1568px x 1568px | 2020

O “CIBERSURTO” E AS “CIBERRECLAGENS” DE TREXY DIABA

Erynunes Santos

Caio Menezes ou Trexy Diaba, artista natural de Santa Rita, mas que reside na capital paraibana João Pessoa, trabalha principalmente com fotoperformance e manipulação digital de imagens, sendo suas principais referências o artista pernambucano Rodrigo Braga, a cultura trash e a arte Drag. Os trabalhos de Diaba são produzidos através do uso de aplicativos de edição de fotografias acessíveis, cujas ferramentas simples podem montar obras com significados e transmissões de sensações variadas. A obra em questão, faz parte de uma série chamada “Surto”, tal nomenclatura denota o sentimento de um desespero ou caos em um processo de vaivém de camadas e movimentações estáticas feitas usando uma imagem performática de Trexy Diaba. Essa ação de ir e vir nos aplicativos de edição é considerado por Diaba um processo de reciclagem, onde a ferramenta disponibilizada pela plataforma usada durante a produção das obras, acabam criando imagens e se mesclando até o resultado final.

Para compreendermos a expressão artística de Diaba precisamos também ir em busca de suas referências, aí é onde surgem as influências extrínsecas. Primeiramente, a fotoperformance é a principal linguagem artística utilizada em seus trabalhos, sendo os trabalhos de Rodrigo Braga uma grande inspiração para Diaba, bem como é a pessoa que lhe apresentou a fotoperformance. Rodrigo é um artista que se utiliza da performance em fotografias para criticar ou gerar sentimentos em seus observadores através do impacto visual causado por suas obras, sejam elas cômicas, trágicas, violentas ou angustiantes, há sempre uma imensurável beleza em suas performances. Já o trabalho de Diaba possui uma outra forma de apresentação, em quase todas elas – incluindo a obra que estamos discorrendo neste texto – parecem ter sido feitas com imagens de qualidade baixa e montagens simples em termos de edição imagética,

contudo o valor semiótico de suas obras parecem ser o elemento que as tornam mais complexas, mas não incompreensíveis.

O fato de utilizar ferramentas digitais acessíveis em seu trabalho é uma forma de exprimir as vivências de uma população que ainda experimenta o mundo moderno e o meio virtual com poucos recursos e objetos de baixo valor social, como os aplicativos usados por Diaba. O que também evidencia este fato é uma outra forma de expressão artística presente no trabalho de Trexy Diaba, a cultura trash.

A cultura trash do inglês *trash culture* teve seu ápice entre os anos de 1990 e 2000 e denominada como um subproduto dos movimentos artísticos modernistas do século XX, relacionada também ao *kitsch*, apesar de possuírem propósitos diferentes. Esta cultura, quase uma filosofia de vida, está ligada às mudanças e as vivências na sociedade contemporânea, especialmente no que diz respeito ao consumismo. Ela influenciou a literatura, a música, o cinema, a moda e as artes visuais, não se limitando ao valor estético dos padrões de beleza tradicionais. Ao possibilitar a criação livre, por vezes o *trash* é tratado pejorativamente e apontado como uma cultura que não possui características de alta qualidade e conseqüentemente afastada do *mainstream* do sistema da arte considerada uma linguagem marginalizada, ou chamada por alguns de “lixo cultural”. Nas obras de Diaba, é possível percebermos isso através dos elementos usados em seu conceito visual, seja no cenário ou nas manipulações de imagem realizadas que dispensam um padrão estético hegemônico. Dessa forma, Diaba não se limita aos padrões estéticos de arte, mas cria novas linguagens a partir das ferramentas digitais disponíveis.

O fato que torna ainda mais aparente a influência do *trash* nos trabalhos de Diaba é o seu próprio nome artístico. Trexy é uma forma portuguesa com um toque de sotaque paraibano para se referir ao termo *trash*. O nome veio a partir do momento em que Caio Menezes começou a se montar como *drag queen* e o seu nome de drag era Rainha Diaba, até que posteriormente tornou-se Trexy Diaba. Ademais, a cultura drag é percebida nas obras de Diaba, sobretudo com as maquiagens que tornam a imagem mais dramática e expressiva, de modo que uma manifestação interna no corpo de Diaba se torne externa ao ser refletida nos movimentos corpóreos e expressões faciais.

Ao sabermos quais as influências para o trabalho de Trexy Diaba e os seus processos, conseguimos compreendê-lo, contudo, a sensação no ato da observação também é sumamente importante para o dinamismo de passar a mensagem aos contempladores diante a obra que discorro neste texto. A expressão facial e o efeito de movimentação no fundo da imagem são as metáforas para o surto que Diaba quis apresentar. Entretanto, o surto do qual estamos falando não é necessariamente uma insanidade, mas um momento de descontrole e conflito, sendo as reciclagens imagéticas e os efeitos visuais que causam essa sensação de confusão, de inquietação ou desconforto.

Por outro lado, ao analisar a obra, ironicamente notei uma presença cômica, o que parece dar ao trabalho um teor também engraçado. A língua, por exemplo, alongada e pontuda nos lembra das representações de imagens de demônios e monstros, mas também remete à sensação de descontração e divertimento, talvez seja uma forma dramática e exagerada de ironizar os momentos de surto que inevitavelmente nos aflige, como meros indivíduos de corpos frágeis. Encarar esta obra de Diaba, rir das nossas próprias angústias e simultaneamente sentir a aflição de um verdadeiro descontrole da mente. Através de uma engenhosa brincadeira com os efeitos visuais simples e reciclagens de camadas de imagem e progressão imagética, Trexy Diaba nos faz surtar.



ANA CLAUDIA. Obra sem título.

Técnica mista; nanquim e pintura sobre papel 15cm x 9,5cm | 2021

O ÂMAGO DE UMA ARTISTA

Kamyla Aires de Araújo Lima Siqueira

Ana Cláudia Araújo, artista natural de Brasília nascida em 2001 com vivência em João Pessoa - localizada na Paraíba - desde 2003, traz uma poética em constante construção em seus trabalhos. Percorre várias técnicas com a premissa de que “tudo é digno de ser experimentado” e gosta de explorar o caráter interdisciplinar da arte em sua produção artística. Artista direcionada pelas suas inquietações e angústias acerca de tudo que a rodeia, produziu, no dia 25 de março de 2021, uma obra sem título marcada pela aflição humana.

A obra foi realizada na própria residência da artista, dentro de um contexto pandêmico que assola a sociedade brasileira desde o ano de 2020 até os dias atuais. Entre mistos de tintas nanquim e esmaltes pretos, tem-se a expressividade no olhar da figura humana, sem gênero definido, retratada na obra com olhar pálido e vazio que remete a angústia pessoal da artista referente a situação atual de seu país. O artista austríaco Egon Schiele, ligado ao movimento expressionista alemão, é uma importante referência na construção dessa obra. Schiele priorizava o retrato do estado psicológico das pessoas e assim o fez em uma série de seus trabalhos como em *Retrato de Erwin Dominilk Osen*, obra que a artista Ana Cláudia escolheu como influência para a realização de seu trabalho, não apenas pela imagem propriamente dita, mas por sua admiração às obras do artista.

Um olhar perdido e desgastado sob a influência de José Saramago em *Ensaio sobre a Cegueira*, um rosto humano cansado, formam o conjunto de uma sociedade ainda sem esperança. As linhas ovaladas e a cor não-cor do preto compõem o rosto, sendo suficiente para o significado da obra. Não tem corpo e nem vestimentas, apenas rosto, sendo este possuidor de um olhar figurativo ou até mesmo um olhar humano que demonstra a expressividade do que é um ser aflito. Um sutil tom de azul,

feito com lápis pastel, se mostra ao fundo, é a tristeza e com ela a decepção. O azul tem significado e para a artista é como um ambiente triste, um eterno ciclo de sentimentos ruins e a figura que o habita, encontra-se sem saída.

A cabeça é definida como parte central do corpo, tanto por ser a que lhe envia as informações, quanto aquela primeira parte que se observa. Nela, o rosto se manifesta, e é através da expressão facial que adivinhamos a vida mental, em que captamos os temperamentos. As diversidades dos olhos, “as janelas para a alma”, é autônoma na questão interpretativa e livre de todas as outras partes, transmitindo uma mensagem singular. A artista não se preocupa com o quão realista é a figura, mas sim com a subjetividade dela, sobrancelhas arqueadas e lábios neutros são dignos de grandes interpretações, e voltam a um sentimento de grande insatisfação diante de um país que encontra-se em ruínas.

Sente-se que Ana Cláudia Araújo procura criar uma interpretação diferente do óbvio, de um rosto apenas triste. Lágrimas de coloração preta remetem a algo extraído do interior, de um local bastante doloroso. A artista fixa o seu presente na obra e cria uma identidade de caráter pessoal, em que exige do espectador uma visão intrínseca diante de seu trabalho. É necessária uma leitura partindo das teorias psicanalíticas como base de sua interpretação, artista e obra se conectam, contudo, os valores externos influenciam diretamente nesse conjunto.

Conclui-se que além da subjetividade, há uma parte central da obra que é definida pelos contrastes, utilização de linhas pretas que se formam sob o branco e o formato de um rosto humano. Porém, estes elementos contrastam com aspectos subjetivos, a expressividade, o olhar humano, a vivência da artista e a interpretação do espectador a partir do “sem título”. Conhecer a obra é também conhecer o contexto da vida da artista e através de uma análise psicanalítica desenvolvida em um dos trabalhos de Lacan em *A Ética da Psicanálise* (1959-60/1997), este irá reafirmar a presença do vazio pela arte. Para ele, a arte salva a realidade da “coisa”, porém essa teoria não se aplica à todas as artes, já no trabalho da artista Ana Cláudia, será retratada a expurgação dos sentimentos frente à situação pandêmica do país em que vive, seria esta a catarse da artista pela sua obra.

Esta relação da artista com a sua obra e a situação pandêmica do Brasil, resulta numa expressão desesperada quase como uma manifestação do inconsciente explicada pelas teorias freudianas. O *superego*, discutido por Freud em *O Ego e o Id* (1923), surge na obra da artista como uma resposta aos valores externos de uma sociedade que se encontra imersa no caos. Esta é uma obra que busca, em si e para si, o cessamento do vazio ou a sua solução sem grandes danos morais e internos. Não sendo encontrada essa resposta nas teorias psicanalíticas, mas sim na relação artista e obra. Ser artista é viver em constante agonia.

Em resumo, a obra da artista Ana Cláudia Araújo traz um novo significado ao ser “humano” em meio ao descontentamento político e social, a aflição surge, espalhando suas angústias através da obra. Não há cor, apenas o preto e o branco em destaque e um sutil tom de azul, a ausência de cores em sua obra explicita esse vazio antes manifestado no âmago da artista, os conjuntos de linhas e formas conectadas modelam um rosto de olhos quase que simétricos. A figura representada não é a artista, mas sim a manifestação de um sentimento que antes estava oculto, é também uma revelação social daqueles que se fecharam frente à obscuridade e desordem de um lugar que antes era ocupável.

REFERÊNCIAS

FREUD, S. O ego e o id. *ESB*, Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. XIX.

KOSOWISKI, Gisele. Psicanálise e arte: uma articulação a partir da não relação em *Louise Bourgeois: o retorno do desejo proibido*. In Revista *Ágora* (Rio J.) vol.19 no.3 Rio de Janeiro Sept./Dec. 2016.

LACAN, J. (1959-60/1997). Seminário livro VII: A ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.



LYVIA RAMALHO. Detalhes.
Óleo sobre papel 10cm x 15cm | 2020.

A MEMÓRIA DOS DETALHES

Kryсна Marques Brígido Melo

Tudo começou com um simples teste de tinta a óleo sobre cartolina. Com o tempo, as pinceladas coloridas foram dando forma à carne: surgiram olhos, seios, bocas, narizes e o papel antes vazio, enfim, deu espaço a pedaços de vários corpos. Particularidades que por vezes ficam presas em nossa mente, figuras que parecem familiares mas não sabemos ao certo de onde vêm e nem o porquê. Feita em tinta a óleo sobre papel com 10x15cm *Detalhes* é uma obra de Livya Ramalho que mostra, como sugere o título, detalhes.

A artista paraibana, nascida no sertão, cresceu entre o Pará e a Paraíba. Atualmente, faz graduação em Artes Visuais na Universidade Federal da Paraíba e durante o curso, já teve contato com diversas técnicas e fazeres artísticos. Livya Ramalho participou de algumas exposições cerâmicas sediadas na própria universidade: “LaborAÇÕES” em 2019 e “Banquete cerâmico” em 2020. Além disso, já fez trabalhos com desenho e experimentou diferentes formas de pintura no decorrer do seu período discente, passando pelo guache, aquarela, esmaltes cerâmicos e, por fim, em “Detalhes”, a tinta a óleo.

Com esta obra, a artista inicia seu trabalho com tinta a óleo a partir de um processo criativo livre e espontâneo, sem planejamento prévio. Para mim a organização, enquadramento assim como as poses das figuras retratadas são direta consequência do uso de mídias sociais, principalmente do *Instagram*, que segue a risca o ditado “uma imagem vale mais do que mil palavras”. Ao ser questionada sobre isso, a artista afirma acreditar que as redes sociais influenciaram de maneira indireta o resultado final da pintura.

É interessante como essa obra traz uma sensação de familiaridade, de algo já conhecido. A autora diz que não pretendeu retratar ninguém em específico, mas que objetivou parecer alguém, para ela: “a pessoa

representada não tem um nome ou sobrenome, pois não foi apenas uma, só pintei o que me apareceu naquele exatomento”.

Essa sensação de familiaridade, como já foi dito, pode estar presente devido à similaridade com certos *posts* em redes sociais, principalmente no *Instagram*, em consequência tanto a representação de características e feições socialmente consideradas como femininas quanto ao recorte e enquadramento das figuras,¹. Além disso, a maneira a qual as imagens estão dispostas, em conjunto com as cores escolhidas dão a sensação de lapsos na memória, pequenos flashes de acontecimentos que não se sabe exatamente como ocorreram, quando, ou sequer quem estava lá.

Além disso, Livya Ramalho retrata as diferentes partes do corpo da figura feminina majoritariamente em tons frios, os quais já foram comprovados em influenciar a nossa psique trazendo uma sensação de tranquilidade e leveza, podendo também se relacionar com a sensação de tristeza e lembranças. Em *Detalhes* seus elementos parecem remeter a algo passado, que está apagado na memória, como se as figuras retratadas estivessem no escuro, em um limbo do nosso pensamento. Podemos ver esses fragmentos em rosa, azul e, principalmente, roxo, tons frios, que como já dito, provocam essa sensação de calma ou até melancolia que ajudam a formar esse sentimento de *déjà vu* o qual a obra acarreta.

Também podemos relacionar essa sensação de familiaridade/ presença com os estudos de Aby Warburg e a sua teoria de repetição de imagens e padrões na obra de arte. Por meio do termo culminado *Phatosformel*, demonstra existir diversos padrões e temáticas que se repetem em vários contextos e épocas diferentes, e que de alguma maneira acabam por manter uma relação entre si. A obra *Detalhes* pode ser relacionada ao conceito Warburgiano, uma vez que cada uma das suas áreas delimitadas possui uma figura que não é incomum, mas sim imagens que vemos a todo momento, seja em propagandas como as de maquiagem ou cuidados com a pele, em fotos pessoais de conhecidos e até desconhecidos ou ainda simplesmente a nossa própria figura vista no espelho.

Ainda no campo de Warburg, é possível ir mais além: a obra como todo poderia ser comparada com as inúmeras tábuas do atlas *mnemosyne*: o compilado de figuras separadas mas que mesmo assim possuem algum fator que as une e mantém um vínculo entre elas. Isso pois cada parte

da obra se mostra independente, uma vez que cada “pessoa” possui os seus próprios limites e características, de maneira similar a uma colagem, onde as partes podem ser separadas, porém o conjunto todo se interliga e cria uma perspectiva distinta que é exatamente o que ocorre na obra “Detalhes”.

KRYSNA



KRYSNA MARQUES. Num-se-pode.
Nanquim sobre papel 210mm x 148mm | 2021

NUM-SE-PODE

Livya Ramalho

Ao observarmos a obra feita em nanquim sobre tela, vemos uma mulher jovem, de cabelos longos e lisos, com um tom escuro nos lábios e uma vestimenta que deixa seus ombros à mostra. Suas feições são cautelosas, o seu olhar é enigmático e fixado no espectador, que se sente observado pela figura. O contraste do branco no fundo preto faz com que a obra tenha uma aparência dramática, obscura e intrigante.

A artista visual Krysna Marques traz em sua obra tons predominantes de preto, cinza e branco que transmitem uma sensação misteriosa e intimidativa ao observador. Usando-se apenas o perfil da figura feminina, com a pele pálida, batom escuro e os ombros nus que demonstram uma sensualidade, e o enigma que se acompanha no olhar da figura, que está centralizada na tela.

Krysna Marques nasceu e cresceu na cidade de Teresina, capital do Piauí. Afirma que durante seu ensino fundamental, ela ouvia muitas lendas da região, entretanto, seu interesse na cultura popular piauiense se aflora a partir da sua entrada no curso de Artes Visuais na Universidade Federal da Paraíba. Como consequência, esse interesse ocasiona positivamente a retratação da sua cultura em seus trabalhos.

De acordo com a artista, a obra baseia-se em referências descritivas de uma lenda conhecida como “num-se-pode” e também nas características de uma personagem do filme de terror psicológico estadunidense *O Chamado* do diretor Gore Verbinski. Mesmo que a mesma tenha dito que nunca assistiu ao filme, ela afirma que se baseou na personagem Sadako (Samara), que é uma regravação do original japonês de uma adaptação do romance de Koji Suzuki.

A lenda “num-se-pode” conta a história de uma mulher muito bela, que ficava tarde da noite em uma praça na cidade de Teresina, Piauí. Em uma das versões, homens interessados se aproximavam da moça para

oferecer ajuda por pensar que ela estava perdida. Nesse momento a mulher pedia um cigarro, e, assim que lhe entregavam ela vagorosamente ia aumentando de tamanho, até alcançar a chama que brilhava no alto do poste de lampião, e ali acendia o cigarro recebido. Após isso, ela começa a repetir “num se pode, num se pode”, fazendo com que os homens saíssem correndo com medo. Não se sabe o nome dela, conforme a população, a única coisa que ela pronunciava era o “num se pode”, ocasionando o nome da lenda.

Marques explica seu processo criativo como uma obra planejada, de acordo com ela: “estava procurando algo que trouxesse um contraste, o objetivo era usar nanquim e essa relação de preto e branco me fez lembrar das lendas regionais, assim podendo trabalhar o preto e branco para dar um ar fantasmagórico”, escolhendo a num-se-pode justamente pelo contexto escuro. Perguntada sobre misturar a estética das duas, ela justifica: “A num-se-pode não tem muitas referências e para dar um toque de terror, o cabelo longo liso da Sadako poderia dar um contraste com o fundo preto, por isso eu resolvi juntar as duas.” Dessa forma, ambas são fundidas e representadas na tela.

Além disso, é interessante ressaltar a utilização do preto, branco e cinza na mensagem que a obra quer transmitir. No cinema, sobretudo no gênero de terror, o uso do preto e branco evocam introspecção, estabelecendo um ar naturalmente pesado na história. Na cultura ocidental, o tom preto é muito relacionado com a morte, tristeza, obscuro, luto. Enquanto o branco pode representar a pureza, paz, alma. O cinza é a representação de coisas antigas, da melancolia, de um estado de espírito deprimido.

A artista usa dessas relações de cor e sentimento para retratar a sua garota estranha, trabalhando o amedrontamento e a inquietação do observador ao encará-la. Não há outro sentido da “num-se-pode”, existe apenas um contexto e significado. Isso é deixado bem claro pela artista e nos elementos inseridos que demonstram que a mulher é o único foco, não há mais nada que complemente a interpretação, apenas nos jogos de detalhes da figura feminina.



CAROLINA FOGAÇA. Par.
Guache sobre tela 20cm x 30cm | 2021

PROFUNDIDADE ÚNICA

Luana Pontes da Silva

A artista visual Carol Fogaça possui talento e um estilo único, sua criação artística é construída por uma rica reciprocidade entre o referencial artístico e sua vida pessoal, ou seja, uma mistura entre mental e emocional, dados esses que inserem um legado de prática relacional em sua poética com destaque nas relações de arte e experiências particulares, para além da formalidade acadêmica.

Par é uma obra cheia de memória, intimidade e sentimentos de amizade que podem ser transmitidos pelas pinceladas sinuosas. Uma obra que contém histórico e emoção composta de elementos com simbologias próprias, caracterizadas por um imaginário sensível e profundamente criativo.

A sinuosidade aquática se destaca pela movimentação em confluência, onde seus elementos pictóricos repetem esse estado móvel de entrelaçamento e ressaltam os conceitos de encontro/desencontro, perto/longe, dia/noite. As pinceladas precisas destacam contorno e forma, aspectos que na pintura, mostram preocupação da artista em enumerar essa parrelha de detalhes, destacando ainda mais o título de sua obra.

Curiosamente, segundo a artista, o sentimento de cobrança acompanhou a conclusão de seu trabalho, quando questionada sobre a possibilidade de alterar algo no resultado final, Carolina responde que ainda poderia fazer algumas mudanças na técnica de sua produção. Nota-se nesse ponto, a exigência pessoal e de mercado no mundo da arte e a evidência do conceito da auto-realização, continuamente impregnado ao longo da história pela variação dos valores materiais e imateriais da arte.

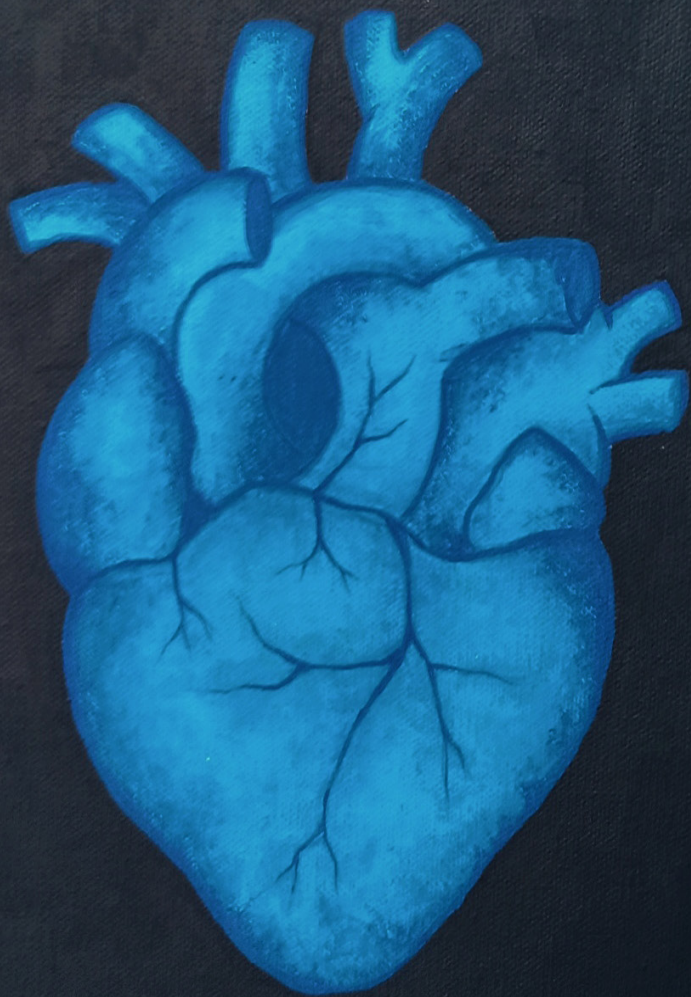
Os peixes, o Sol e a Lua no quadro de Carolina estão associados aos seus laços de amizade. Existe então, uma iconografia particular nos símbolos deste trabalho nos quais os elementos justapostos reforçam a unidade da obra. A autora traz à tona o elemento da novidade, a sua

técnica de pinceladas fluidas com pincel como também o material de tinta guache utilizado foram colocados em prática pela primeira vez nessa atividade.

Para Carolina, todos os elementos da obra possuem um significado afetivo. A artista apreciava muito as referências que fizeram parte de sua pesquisa, a figura do peixe por exemplo, a representa com sua amiga numa natural fluidez. O cenário envolto com água emoldura e expande o olhar dando a sensação de profundidade única.

A pintura é expressiva, a visão de calmaria embaixo d'água é marcante. Representações que fazem contraste com o movimento dançante das algas num retrato marítimo. A disposição dos peixes de tom frio e quente e astros que o acompanham tomam a frente do quadro, como figuras de destaque em meio a imensidão oceânica do tom azul.

Em uma sociedade onde o individualismo cresce, a obra lembra o valor da amizade. As folhagens na paisagem e os peixes em diferentes direções para cima e para baixo interligam o que é genuíno nos encontros e desencontros da sociedade, e que aceitando nós ou não, a vida vai estar sempre em movimento.



THIERRY DE LIMA. Sentimento Azul.
Guache sobre tela 40cm x 30cm | 2020-2021

AZUL É A COR MAIS TRISTE

Rayanna Cecília Torres de Moura

A obra *Sentimento Azul* do artista visual Thierry de Lima é feita com guache sobre papel e traz em sua composição uma única forma concentrada em uma intencional e restrita variação de cores. A tela, essencialmente, projeta demandas que o artista necessitava externar.

Na obra executada entre 2020 e 2021, é possível observar a forma de um coração humano feito em uma abordagem realista. O coração, posicionado de maneira central, é encurralado por carregadas pinceladas de preto denso e traz consigo uma desolada monocromia anil.

O cenário preto torna os tons azuis marcantes e contrastantes, trazendo para a forma toda a responsabilidade do olhar. Ao mesmo tempo, o fundo completamente sombrio, ajuda a transmitir o vazio que todo o arranjo defende. A relação do artista com a forma é importante não apenas pela simbologia que o órgão humano carrega, de afeto e de amor, mas principalmente do contexto que o autor estabeleceu com suas próprias vivências.

Considero aqui, que as cores passam a ter, de certa forma, mais relevância que o desenho. Não por um suposto desprestígio da forma, mas pelo poder da linguagem que as cores carregam. Como afirmou o crítico de arte francês Denis Diderot, as cores são democráticas e podem ser sentidas por qualquer um, são elas que dão a vida, não obstante, o título da obra é condensado em um sentimento que é transmitido por uma cor. As cores transmitem as sensações e o sentimento é a principal personagem desta obra.

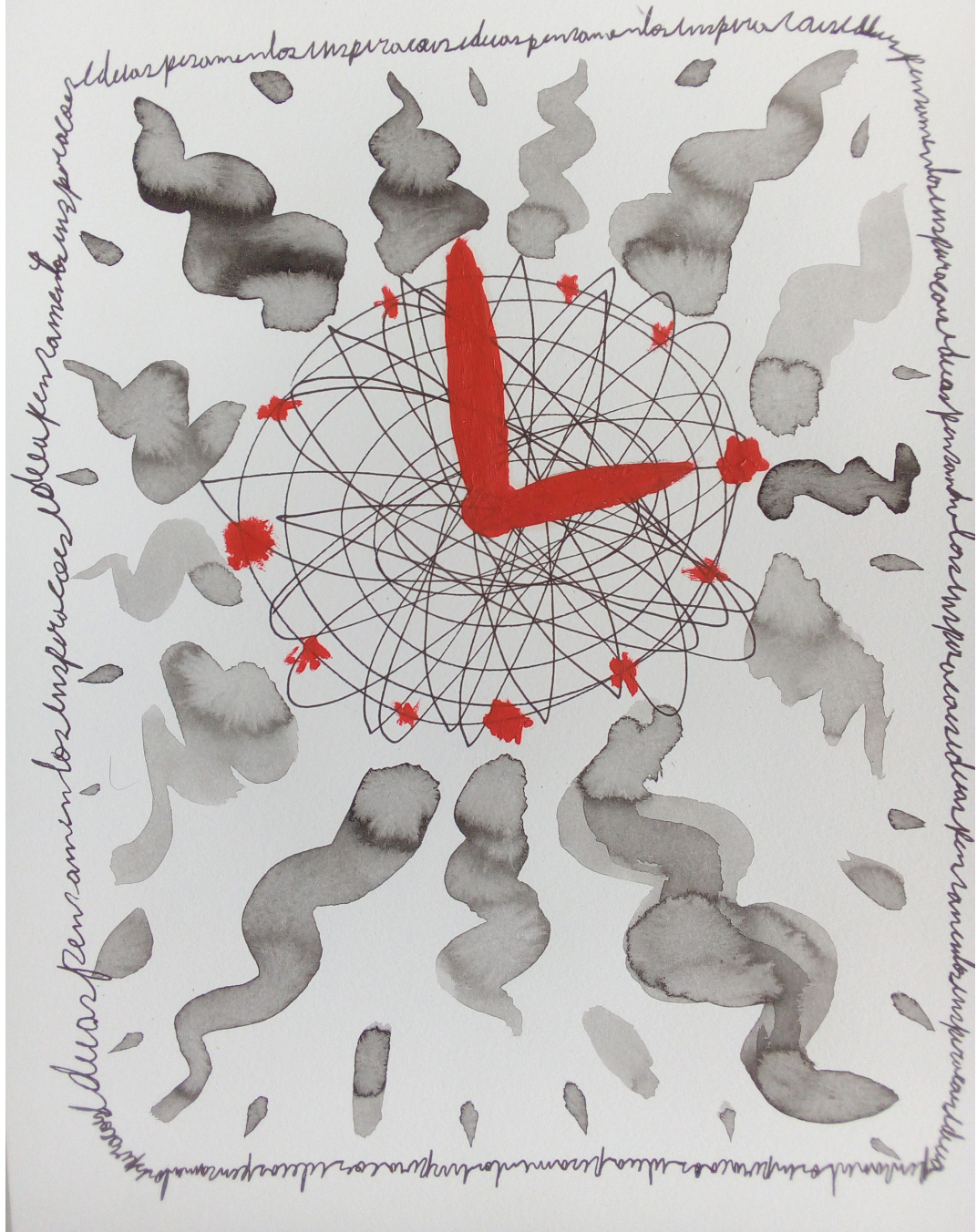
O azul é historicamente usado - dentre muitos significados que ele pode trazer - para comunicar solidão, frieza, tristeza e melancolia. Um exemplo do uso dessa cor é do artista Pablo Picasso, que durante 1901 e 1904, teve o seu “período azul” ao produzir obras com temas tristes e angustiantes. Essa fase do artista começou, provavelmente, após

a perda de seu grande amigo Carlos Casagemas, sendo o quadro *La mort de Casagemas* sobre sua morte, o marco inicial desse período.

Assim como Picasso, Thierry externa seus sentimentos em sua obra pela perda de alguém e o azul foi a cor de entrada para comunicar esses sentimentos. A dificuldade sentimental em externar tudo em forma de pintura trouxe um bloqueio em seu processo criativo, exigindo inúmeras tentativas de execução. Entretanto, a necessidade em pintar suas emoções foi maior e a obra foi realizada de forma terna e completa.

Sentimento Azul não é apenas uma pintura, é puro sentimento, impregnada de melancolia, angústia e afeto. Apesar de ser uma obra emocional, isso não implica em ausência de trabalho intelectual, é necessário conhecimento, aprendizado, investigação, haja vista a pesquisa e estudos que o artista fez através de referências da anatomia humana.

Portanto, esta obra também é resultado do artista, pois cabe ao artista, ao longo do tempo, direcionar a sua arte através de seus princípios direcionadores, suas emoções, seus estudos e sua singularidade, acredito que isto se sobressai, principalmente, nestes momentos de improviso e de bloqueio, pois o artista irá concluir seu processo com maior dependência em sua imaginação, favorecendo suas memórias, suas emoções, percepções e seus recursos, sejam eles materiais, sensíveis ou intelectuais.



JEFFERSON WILLIAM. Dormente Escrever.

Nanquim e tinta acrílica sobre papel 21cm x 29,7cm | 2021

CRIAÇÃO

Ritiele Silva de Matos

A obra foi produzida pelo artista Jefferson William, sua criação teve início a partir de duas palavras “Escrever e Dormente”. A palavra “escrever”, foi usada como moldura para as formas centrais de sua obra, tem seu significado encontrado no sentido de conter pensamentos, de colocá-los em ordem.

Para Jefferson, a escrita é uma das melhores formas de guardar ideias e sentimentos. Já a palavra “dormente”, baseou-se na dor física e existencial, sendo a primeira, a dor corporal, dos membros e a sensação de formigamento. Já a dor existencial é a de não se sentir apegado a nada físico e emocional, como se a mente apenas vagasse e os sentidos nada pudessem fazer para mudar qualquer situação.

A cor vermelha foi usada para representar os ponteiros e as marcações das horas, sendo um lembrete dado a sensação de incômodo. Porém, não associado ao corporal, mas como sinal do desconforto emocional. As manchas de nanquim também possuem um significado além do físico, lembrando a incapacidade de mudança. Nas formas rabiscadas é encontrado um emaranhado de pensamentos e emoções, como se fosse um caos infinito.

O desenho central tem a forma de um relógio possuindo um adorno feito a partir de palavras com a finalidade de apenas serem colocadas no papel para que, de alguma forma, possuam ordem em meio a tantos sentimentos, pensamentos e inquietações. A obra tem um caráter de improvisação, pois foi a partir de duas palavras distintas que tudo se desenvolveu, cada elemento contém os seus significados que vão além de qualquer especulação. Por fim, posso dizer que a pintura transpassa, além de tudo, uma vontade de pôr em ordem todos esses sentimentos e dores que como o relógio mostra, não se resolvem com o passar do tempo.



RAYANNA CECÍLIA. Retrato de uma Vênus.

Pintura digital 297mm x 420mm | 2020

RETRATO DE UMA VÊNUS

Jefferson Ruântoni Farias Alencar

A pintura digital por Rayanna Cecília, Retrato de uma Vênus, é uma releitura de uma das mais famosas obras de artes do mundo *O nascimento de Vênus*, de Sandro Botticelli. A obra trabalha conceitos e técnicas usadas no Renascimento com ferramentas atuais e apresenta um novo olhar sobre os detalhes de uma das mais belas representações da deusa grega do Amor.

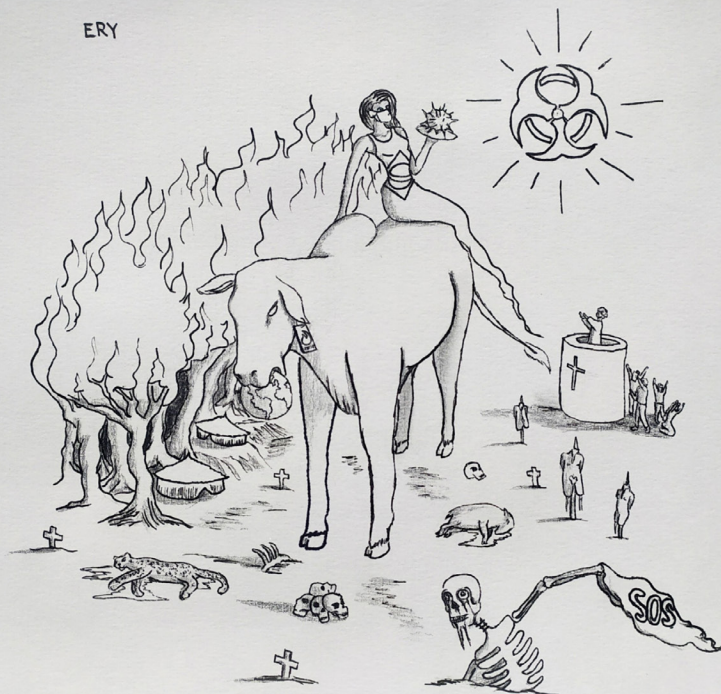
O suporte utilizado pela artista foi o digital desde o rascunho até a finalização, no qual percebemos uma variedade de ferramentas que ajudam a trabalhar precisamente os detalhes. A imagem da Vênus olha diretamente para o seu observador e tenta expressar uma emoção enigmática, onde o espectador cria algum vínculo com a imagem. esse fato aparentemente foi pensado antes mesmo do conceito da obra ter sido formado e se tornou ponto de partida para o projeto.

A artista optou pelo uso de cores quentes, que são utilizadas para passar a emoção da imagem e sua paixão ou sofrimento. A composição da imagem é marcada pelo olhar intenso e emocional da deusa do amor. Como técnica utilizada para a produção da obra, a artista se inspirou no uso do “Liso” por Leonardo da Vinci. Como a palavra indica, o ideal do liso apontava para “uma pintura ou escultura desprovidas de qualquer vestígio do processo produtivo”. Mais especificamente, a pincelada devia desaparecer, ou tornar-se invisível, e com ela seriam disfarçados e apagados os rastros da mão do artista e da condição de trabalhador. A obra se apresentaria como fruto do espírito, e não do ofício, que é obliterado.

Para além das referências renascentistas, a obra dialoga com o contemporâneo, através do suporte digital e de referências de artistas atuais como os quadrinhos ocidentais e forte inspiração na artista visual e ilustradora Djamilia Knopf que utiliza recursos da arte japonesa mesclados com tons de fantasia para criar seus trabalhos. O efeito na obra

particular que vale a pena tomar atenção, é o fato de poder ver ver duas obras numa mesma releitura ou uma transformação de sentidos, não nos referimos a ligação entre passado e o presente mostrado na obra, mais como o simples ato de se afastar e de se aproximar revela alguns detalhes os quais o indivíduo ao chegar mais perto pode ver as lágrimas da deusa e um olhar mais humano, diferente da obra que serviu de inspiração na criação da mesma.

ERY



ERY. O Devorador da Terra.

Nanquim sobre papel 21cm x 29,7cm | 2020

COMO A TERRA FOI DEVORADA

Thierry de Lima

O que é o devorador

Contemplar *O Devorador da Terra* não é como analisar mais uma obra de arte. Num contexto de destruição, genocídio e doutrinação vivido pelo Brasil e o mundo desde o início de 2020, encarar a obra de Ery significa enfrentar nossa própria realidade. Natural de Santa Rita, na Paraíba, o artista e estudante de Artes Visuais traz em suas produções referências de artistas como Hieronymus Bosch, Matheus Ribs e Daiara Tukano, além de reforçar sua vivência como ovolactovegetariano e apresentar duras críticas à indústria da carne e ao agronegócio. Ele traduz com forte simbolismo nossa situação atual, criticando as ações humanas que afetam a natureza e por consequência, nos levam a momentos de desespero como os vivenciados agora com a pandemia do Covid-19. O artista nos faz refletir e repensar as ações e hábitos normalizados em nosso cotidiano que aos poucos devoram a nossa terra.

Quem é o devorador

O trabalho é apresentado em nanquim sobre papel, carregada de subjetividade e significados. De um ponto de vista de leitura, a Gestalt definiria a imagem como de média pregnância — facilidade de percepção — devido a quantidade de informações e objetos carregados de diferentes formas e contextos. Resumindo bem, podemos dizer que a obra é baseada em simbolismos. Dito isso, é importante entendê-la primeiro como forma e, só depois, entender o contexto e mensagem que carrega.

Ery traz diversos elementos, utilizando-se apenas de linha e sombra, sem cor alguma. De primeira, o que mais me chama atenção é o boi. Ele carrega em seu lombo uma moça, enquanto come o planeta terra. A figura

parece representar o significado do título. A mulher, por sua vez, carrega uma bandeja com um objeto que representa o vírus do Covid-19, segundo o próprio artista. Ao lado, temos uma floresta em chamas junto a moradias indígenas. No chão, delimitado por onde as figuras se firmam, vemos animais mortos, ossos e corpos humanos em estacas. Além disso, temos fiéis adorando a figura do boi e algumas cruzeiras espalhadas pelo cenário. Por fim, tem-se o sol representado por um símbolo de radioatividade.

A grande quantidade de figuras e situações que transcendem a compreensão racional remete ao surrealismo, assim como grande parte dos trabalhos do artista, embora sua temática e contexto estejam longe de ser apenas um sonho.

Porquê me devorou

Analisar essa obra e escrever esse texto me deu a sensação de estar escrevendo uma crítica sobre uma crítica. O que, de fato, não deixa de ser verdade. O artista traduz diversas problemáticas que podem ser lidas ou comparadas com uma matéria ou manchete de jornal sobre um dia “normal” no Brasil em 2020. De um ponto de vista histórico, me lembro de *Guernica* (1937), de Pablo Picasso. Não pela forma ou técnica em si, mas pela sensação e contexto de desespero em meio a guerra que a produção representa.

Se pararmos para olhar para o desenho de Ery por apenas alguns rápidos minutos, não será difícil de identificar no mínimo uma ou duas figuras que nos remetem a problemas que enfrentamos nos últimos anos como povo brasileiro. Entretanto, muito mais que apenas suas consequências, a obra nos faz refletir sobre seus causadores. Sim, entendemos que nosso planeta e país estão em crise. Mas, quem são responsáveis por tanta exploração, morte e destruição? Quem são os adoradores e por que parecem estar muito mais interessados em enaltecer um símbolo de destruição ao invés de dar o mínimo de atenção às mortes à sua volta? Por que a humanidade tem tanta dificuldade em entender e identificar que seus atos têm tanto peso na natureza? A obra de Ery pode ser vista como um espelho que reflete tantas das consequências de atos normalizados da humanidade que pouco a pouco nos levam a um mundo devorado por orgulho, ignorância e ganância.

SOBRE OS AUTORES

Ana Cláudia Araújo do Nascimento nasceu em 2001, é artista natural de Brasília (DF) e reside em João Pessoa. Atualmente, faz licenciatura em artes visuais pela UFPB e participa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid). Sua poética está em constante construção. Direcionada principalmente pelas suas inquietações e angústias acerca de tudo que a rodeia, percorre por variadas técnicas, tudo é digno de ser experimentado, e gosta de explorar o caráter interdisciplinar da arte em sua produção artística. Instagram: [aninhaaraujo_an](#). E-mail: anaclaudiaaraujonasc@gmail.com

Carolina Fogaça de Araújo Chitolina, nascida em Piracicaba-SP, desde a primeira infância mora na cidade de João Pessoa-PB, é artista e estudante de bacharelado em Artes Visuais pela Universidade Federal da Paraíba. Demonstra interesse em artes, cultura e design, já participou de exposições conjuntas dentro da universidade e atualmente é mediadora na Fundação Casa de José Américo. **Email:** cfac@academico.ufpb.br. **Instragram:** <https://www.instagram.com/c.art.olina/>

Caio Menezes de Oliveira (Trexly Diaba) é artista e graduando em Artes Visuais na Universidade Federal da Paraíba. Busca explorar o não binarismo, desdobrando de sua própria vivência. No seu trabalho experimenta as possibilidades da precariedade virtual, desenvolvendo fotos, vídeos e gifs a partir de aplicativos básicos de celular. Assim como outras linguagens contemporâneas, como fotoperformance, performance e objetos. Contato: carocamenezes@gmail.com. Instagram: [Trexly.diaba](#)

Erynunes Santos (Ery), natural e residente da cidade de Santa Rita (PB), é um artista e estudante da Universidade Federal da Paraíba, graduando no curso de Artes Visuais (Bacharelado), ingressou na faculdade no ano

de 2020, e participou de duas exposições virtuais coletivas, a primeira foi o projeto História em Partes na plataforma do Instagram, com sua obra “Um Conto sobre a Evolução” e a segunda foi uma exposição no site da Galeria Lavadeira com a obra “Desfile da Boiada”. Em seus trabalhos, Ery procura questionar a modernidade, sejam seus aspectos sociais ou as nossas vivências individuais, se expressando através do desenho e pintura. **Contato:** erynns.academico@gmail.com. **Instagram:** [arte.ery](https://www.instagram.com/arte.ery).

Kamyla Aires de Araújo Lima Siqueira nasceu em 2001, na cidade de João Pessoa (PB), onde cresceu e reside. Atualmente, está se formando em bacharelado no curso de Artes Visuais da UFPB e trabalha com desenhos tradicionais e digitais, busca se aprofundar nos diversos tipos de arte com destaque para a arte contemporânea e também surrealista, e tem como principal objetivo explorar os seus sentimentos e demonstrá-los através de sua arte. Instagram: <https://www.instagram.com/kamylacomk/>. Email: kamyla.aires@academico.ufpb.br.

Kryсна Marques é uma artista visual, ela cursa Artes Visuais na Universidade Federal da Paraíba e já participou de exposições nesta instituição, como “LaborAÇÕES” em 2019 e “Banquete Cerâmico” em 2020. Atualmente produz trabalhos digitais e tradicionais e explora diversas técnicas em ambos os campos seus trabalhos podem ser encontrados no instagram [@krykryсна](https://www.instagram.com/krykryсна).

Livya Ramalho de Figueiredo é discente do curso de Artes Visuais da Universidade Federal da Paraíba - UFPB. Artista paraibana, realiza trabalhos envolvendo desenho tradicional, pintura e artesanato (cerâmica), grande parte influenciados pelas minhas experiências pessoais. E-mail: Livya58.lr@gmail.com. Instagram: [Ramaly_art](https://www.instagram.com/Ramaly_art).

Luana Pontes da Silva é uma artista e ilustradora motivada pelo desafio da educação em Artes. Realizou uma transição de atividade bem sucedida onde trouxe sua bagagem de desenvolvimento humano, para atuar na área da educação onde descobriu seu gosto pela arte. No ano de 2019 se formou como técnica em Segurança do Trabalho e ingressou no mesmo ano no curso de licenciatura em Artes Visuais na UFPB. Com ambições

de atingir metas e desafios, busca novas oportunidades onde possa combinar seus conhecimentos práticos e teóricos aprendidos na faculdade e em cursos anteriores. Contato: luanapontesdasilva1@gmail.com.

Rayanna Cecília Torres de Moura tem 27 anos, é potiguar e graduanda em Artes Visuais pela Universidade Federal da Paraíba, é ilustradora freelancer nas horas vagas e trabalha com arte digital. Gosta de quadrinhos, animação, games e está disponível para trabalhos, pode ser encontrada no Instagram por @pacokits e também pelo e-mail pacokits@gmail.com.

Ritiele Silva de Matos (Ritty) é artista e graduanda em Artes Visuais na Universidade Federal da Paraíba. Busca explorar materiais do seu dia a dia reutilizando-os, como carteiras de cigarro e bitucas. Suas artes variam desde montagens de fotos pessoais inspiradas no cinema a pinturas digitais. Contato: rittymatos@gmail.com.

Ruântoni Farias Alencar (1998, João Pessoa- PB), bacharelado em artes visuais pela Universidade Federal da Paraíba. Com curso técnico em edificações para estabelecer um entendimento do desenho Arquitetônico, também com curso em desenho nos estilos Cartoon, Mangá e Comics. Além do conhecimento adquirido com o curso superior em desenho Clássico. Não tendo assim um estilo adquirido e se adaptando a cada projeto. A cada arte se tem um estilo focado nos personagens da cultura pop ou trabalhos a parte como designer. <https://www.artstation.com/hefesto9>.

Thierry de Lima, nascido em João Pessoa, Paraíba, é artista e estudante do bacharelado em Artes Visuais da Universidade Federal da Paraíba. Já participou de pequenas exposições em conjunto com sua turma e da 8ª Bienal Internacional de Arte Postal. Bolsista do projeto Artes Visuais & Inclusão, divide sua paixão pela arte entre a docência e sua poética, que está sempre em constante construção. Instagram: [instagram.com/peridothie](https://www.instagram.com/peridothie). Contato: thierry.lima@academico.ufpb.br.



EDITORA
SCHREIBEN